



ano 1  
número 1  
ISSN 2595-8232

Título | Disputas entre grandes empresas, impérios e regimes no confronto Europa, Ásia e Américas: o petróleo antes de 1930

Autor | José Sérgio Gabrielli de Azevedo

Palavras-chave | Petróleo, Rússia, Estados Unidos e Mar Cáspio.

Julho de 2018



Instituto de pesquisa de natureza privada criada pela Federação Única dos Petroleiros (FUP) que fornece suporte técnico às ações da Federação e fomenta o debate público dos mais diversos por meio da produção e divulgação de pesquisas, artigos e palestras O espírito do Instituto tem um caráter público no sentido de prover uma compreensão das transformações e os impactos econômicos, políticos e sociais das empresas do setor de petróleo, gás natural e biocombustíveis para a sociedade brasileira.

## TEXTO PARA DISCUSSÃO

Publicação que divulga uma série de textos elaboradas pelos pesquisadores do Instituto e também de trabalhos acadêmicos realizados por pesquisadores parceiros que tratam dos temas relacionados ao setor energético, principalmente geopolítica, petróleo, gás natural e biocombustíveis.

### **Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis – Ineep**

---

Texto para Discussão / Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis – Rio de Janeiro: Ineep, 2018

ISSN 2595-8232

---

## 1. Introdução

A história dos primórdios do petróleo, em sua versão industrial e comercialmente viável, na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, foi uma feroz disputa entre grandes grupos capitalistas diretamente ligados ao setor, grandes grupos financeiros que se associavam a estes grupos petrolíferos, muita ação dos governos, corrupção, golpes e guerras. No século XXI, apesar da aparente transparência e civilidade, as empresas continuam disputando o acesso aos hidrocarbonetos, os golpes continuam, a corrupção corre solta e muitas das guerras são diretamente associadas à disputa pela garantia do acesso aos recursos de hidrocarbonetos. Como dizem os italianos *come in passato, questo è lo stesso*.

Na virada do século XIX para XX duas grandes regiões produtoras existiam no mundo: os estados produtores nos EUA e a região de Baku, península de Absheron, no Mar Cáspio. Nessas regiões, os dois grupos econômicos que mais disputaram ferozmente a produção, comercialização e logística foram a *Standard Oil*, do grupo Rockefeller, com o apoio dos grandes grupos financeiros americanos e a *Royal Dutch-Shell*, grupo anglo-holandês, com suporte dos Rothschild da Inglaterra e França.

Na Europa, como na história, a região do Cáucaso era palco de guerras entre os impérios czarista, britânico e otomano sob a ameaça do crescente poderio dos EUA e presença da Alemanha. Aventureiros, espertos e malandros operavam entre os diversos atores, fazendo fortunas com golpes, armadilhas e corrupção diversa.

Na passagem dos séculos XIX e XX, não apenas os impérios britânico e otomano disputavam com o império czarista e os EUA o controle das áreas do Mar Cáspio produtoras de petróleo, como as grandes famílias de grupos financeiros e industriais como Rockefeller, Nobel e Rothschild estavam em franca disputa com os produtores nacionais, os transportadores, os governos corruptos locais e inúmeros aventureiros que se aproveitavam do ambiente altamente desregulado para fazer fortunas, utilizando de todos os artifícios legais e ilegais.

Hoje, no século XXI, o império czarista não mais existe, mas a Rússia de Putin utiliza o petróleo como uma de suas armas para sua posição geopolítica. O império otomano foi desmembrado e a criação do Iraque, Irã e da Arábia Saudita não trouxe paz para a região, que continua sendo palco de grandes batalhas cuja finalidade é garantir acesso às enormes reservas regionais. O império britânico foi substituído pelo poder econômico dos EUA, que continua tendo na sua segurança energética um dos principais objetivos de sua estratégia militar e diplomática.

A disputa geopolítica sobre o acesso e logística do petróleo, as oscilações entre maior e menor intervenção dos governos no setor, a feroz competição entre as maiores empresas privadas do mundo e a utilização da política e das guerras como forma de garantir interesses econômicos, lá como cá, nos EUA ou na Rússia, no século XIX ou no XXI, parecem ter os mesmos traços e seguirem os mesmos caminhos.

Este trabalho, que enfatiza a evolução histórica da produção do petróleo no Mar Cáspio antes de 1930, está dividido em duas outras seções, além desta introdução e das conclusões. A próxima seção traça um paralelo entre o desenvolvimento inicial da indústria petrolífera nos EUA e na Rússia. Nos EUA o predomínio da iniciativa privada não impediu a enorme concentração de poderes competitivos no grupo *Standard Oil*, que controlava a logística e a maior parte das exportações mundiais em claro combate com a produção russa. Em Baku, na Rússia, relações feudais herdadas pelo império czarista definiam as relações econômicas entre o monopólio estatal e os produtores diretos, que pagavam rendas ao Governo, também não conseguiram impedir a enorme concentração de poder em torno da *Royal Dutch-Shell*, depois das aquisições das empresas dos irmãos Nobel e Rothschild. As disputas entre estes dois gigantes do setor de petróleo na transição dos séculos XIX e XX resultaram em várias manobras diplomáticas e guerras que envolveram os governos dos impérios britânico, germânico, turco, persa, japonês e os EUA.

A produção cresceu e houve uma explosão populacional na região, com péssimas condições sociais e conflitos étnicos e raciais que explodem em várias revoltas, culminando com a Revolução Soviética de 1917. As instalações produtivas foram atacadas e muitas destruídas em 1905, mesmo assim a região continuou como a segunda maior produtora do mundo até os bolcheviques assumirem o poder em Moscou, enquanto o mundo entrava na I Guerra Mundial.

A terceira seção trata de alguns episódios posteriores a Revolução de 1917 que foi duramente combatida pelas principais potências mundiais. Uma política de boicote e isolamento se estabeleceu para derrotar aqueles que tinham nacionalizado as empresas e não tinham pago indenizações. A *Royal Dutch-Shell* procura adotar uma política de negociações bilaterais, enquanto os ingleses, franceses e belgas, apoiados pela *Standard Oil* e governo americano adotam uma política rígida de isolamento dos soviéticos.

Muitas negociações clandestinas ocorrem com grupos econômicos menores e a produção russa se recupera e a URSS chega aos anos 1930 com uma economia do petróleo em crescimento.

O governo soviético passou a adotar uma postura mais flexível em relação ao capital internacional com a Nova Política Econômica (NEP) de 1921 e volta-se para intensificar os investimentos domésticos no setor de petróleo, recuperando parte da produção e aumentando suas exportações.

## 2. Formação das duas grandes: Standard Oil e Royal Dutch-Shell

O início da produção do petróleo, em sua forma moderna, ocorre na segunda metade do século XIX. O petróleo é conhecido desde tempos imemoriais sendo citado em vários momentos da história antiga. Foi encontrado em localizações onde ocorria sua exsudação e posteriormente, com a utilização de tubulações de bambu, em áreas de superfície onde ele se acumulava. Os chineses foram pioneiros em sondas de perfuração<sup>1</sup>, com a criação de equipamento semelhante ao nosso bate-estaca para introduzir tubulações em poços.

As tecnologias utilizadas nesse período eram muito simples. Foi o auge da exploração em campo, em busca primeiro de emanções na superfície e depois por estruturas aparentes que indicassem a presença dos hidrocarbonetos no subsolo. A sonda rotatória substituiu as ferramentas a cabo, a retirada de testemunhos do poço começava permitindo melhor compreensão da formação e conteúdo em óleo das rochas, e começavam os estudos sísmicos.<sup>2</sup> Diferente da mineração tradicional, o petróleo tem pressão suficiente para jorrar se a perfuração não é controlada e o risco de uma exploração predatória esteve muito presente nessa fase inicial da indústria.

O episódio do poço perfurado pelo Coronel Drake em 1859, na Pensilvânia, é geralmente considerado como o início da atual fase da produção de petróleo no mundo.

Apesar das controvérsias,<sup>3</sup> se a produção do Mar Cáspio, em Baku foi anterior ou não, o que caracterizou o início da fase moderna da produção do petróleo foi a longa etapa de exploração, as novas tecnologias de perfuração e produção, a logística e a presença do capital financeiro.

A experiência de Drake, e seus conflitos com Townsend, seu banqueiro, para conseguir os recursos financeiros necessários a fim de custear a atividade exploratória, a expansão que ocorreu com a entrada de novos produtores na área

---

<sup>1</sup> (CAMPBELL, 2005, p. 52).

<sup>2</sup> (CAMPBELL, 2005, p. 76-77).

<sup>3</sup> (CAMPBELL, 2005, p. 54).

depois do sucesso exploratório, bem como os períodos de euforia e recessão de preços e investimentos que se seguiram marcam o começo da nova indústria.

A história da primeira descoberta é ilustrativa da exploração predatória. O auge da produção ocorreu em 1900, com 183 campos identificados e uma estimativa de 1,3 bilhões de barris de óleo recuperável.<sup>4</sup>

A descoberta de Spindletop em Beuamont, Texas, sua rápida expansão, seu gigantesco *blow-out* em 1901, com 75 mil barris diários sendo jogados no ar em fogo, marcaram a inauguração turbulenta da indústria. Spindletop está associado à criação da Texaco, inicialmente dedicada ao comércio de equipamentos para a indústria e do próprio petróleo, financiada por investidores de Chicago e Nova York. Com grande sucesso exploratório nos EUA, controlado pela *Standard Oil*, a Texaco voltou-se para o exterior. O maior sucesso dessa empreitada resultou na sua presença na Arábia Saudita em 1936 na fundação da Aramco, juntamente com a Chevron.<sup>5</sup>

Quase simultaneamente à descoberta de Drake, J. D. Rockefeller criava uma companhia de comércio em Cleveland, Ohio que logo se dedicou ao comércio de querosene. Surgia a *Standard Oil Company*. Parte do seu sucesso se deveu ao controle da logística e não decorreu do acesso direto às reservas e produção. O controle da logística foi conseguido mediante descontos com as ferrovias e barreiras à entrada devido aos investimentos realizados em vagões-tanque.

Em um primeiro momento, a *Standard Oil* não entrou diretamente na exploração. Quando ela entrou, depois das novas descobertas de Indiana, ela o fez para proteger o seu mercado e não para ampliar a produção<sup>6</sup>, que já começava a declinar na área pioneira descoberta pelo Drake.

A enorme variação dos preços do petróleo nesses anos permitiu também que a gestão de estoques fosse um importante elemento na acumulação de capital pela indústria. A *Standard Oil* se forma aplicando intensamente guerras de preços para eliminar competidores.

Em 1911, a *Standard Oil* foi obrigada a se dividir devido a ação da lei da concorrência nos EUA, dando origem a 37 empresas, entre elas as mais recentes Esso, depois Exxon, Chevron, Móbil, Amoco, Conoco, Sohio and Arco.

---

<sup>4</sup> (CAMPBELL, 2005, p. 56).

<sup>5</sup> (CAMPBELL, 2005, p. 61-62).

<sup>6</sup> (CAMPBELL, 2005, p. 56).

Os EUA têm dimensões continentais e o controle da logística é componente fundamental do poder competitivo. A *Standard Oil* controlava a logística no leste dos EUA, mas o petróleo se encontrava no Sul e mais tarde na direção ao oeste e o Texas virou um importante centro produtor. As descobertas da Califórnia pela Unocal permitiram grande desenvolvimento da investigação geológica devido às características especiais das rochas da região com intenso movimento tectônico.<sup>7</sup>

Em um primeiro momento, a principal utilização do petróleo era para fins de iluminação e o querosene era o derivado primordial. A *Standard Oil* dominava o mercado mundial de querosene, sendo a maior exportadora do mundo, com forte influência no mercado global, adotando sempre procedimentos agressivos de guerra de preços, toda vez que ameaçada pelos competidores. Controlava os meios de logística, o refino e a produção de petróleo. Era uma empresa integrada de petróleo.

A influência americana na exploração mundial de petróleo se deu também através do controle das tecnologias de perfuração. Termos como *roughneck*, *rat-hole*, *Kelly bushing*, *Donkey's Dick* continuam sendo usados, com poucas traduções no mundo, assim como as unidades de medidas dos diâmetros de poços que são os americanos.<sup>8</sup>

### 2.1. Baku: Europa, Ásia e América disputam o controle do petróleo

Uma das principais áreas produtoras de petróleo fora dos EUA situava-se em Baku, no mar Cáspio, anteriormente monopólio estatal, aberto à participação privada capitaneada por Ludwig Nobel, que produzia dinamite e hoje é conhecido pelo prêmio com seu nome.

A extração de petróleo de Baku vinha ocorrendo há milhares de anos, com técnicas rudimentares, aproveitando-se de sua surgência natural para a superfície. Há registros de exportações de petróleo da península de Absheron, onde se situa a cidade de Baku, 2500 anos antes de Cristo para a Pérsia, Índia e outros países do Oriente.<sup>9</sup> A península de Absheron era controlada pelos *khans* de Baku e pertencia a Pérsia até 1813, quando é anexada pelo império czarista da Rússia.<sup>10</sup>

O escritor Marco Polo, no século XIII já mencionava as exsudações de petróleo da região do Cáspio, com seus fogos noturnos. O religioso Zaratustra

<sup>7</sup> (CAMPBELL, 2005, p. 58).

<sup>8</sup> (CAMPBELL, 2005, p. 64).

<sup>9</sup> (BAGIROV, 1996).

<sup>10</sup> (JOHNSON, 2010, p. 434).

desenvolveu sua religião na região, cultuando os eternos fogos que brotavam do chão. Em Baku, o óleo brotava no antigo vale do Volga, em frente ao Cáucaso, sendo encontrado facilmente, apesar de sua geologia complexa. Uma peculiaridade era a existência de vulcões de lama, que eventualmente incendiavam. A região era extremamente prolífica e em 1900 havia produzido 75 milhões de barris, extraídos através de 1700 poços rasos de menos de 100 pés.<sup>11</sup>

As técnicas eram muito primitivas, com poços rasos, sendo escavados por força humana utilizando ferramentas manuais.<sup>12</sup> O óleo era extraído manualmente dos poços, que produziam pouco – uma média de 10 barris dia – e colocados em buracos com fundo de pedras, para decantar e depois entregues para armazenamento em locais que pertenciam ao Governo.<sup>13</sup>

A partir de 1872 o governo czarista fez grandes leilões de áreas, estimulando a introdução de técnicas de extração e perfuração mais modernas. O marco legal para a exploração e produção de petróleo, antes de 1872 era regulado pela *ilitzam*, relações entre o Czar proprietário das áreas e o produtor que pagava uma renda, ao redor de 15% do valor do petróleo, ao Governo pelo uso temporário – geralmente cinco anos – dos poços, lagos, poços de decantação e armazenamento, que antes do Czar pertenciam aos antigos proprietários feudais *khans*.<sup>14</sup>

Depois de 1872, nova regulação foi estabelecida pelo governo czarista que criou uma estrutura administrativa própria para acompanhar a produção, mas deixando livremente o mercado se estabelecer como principal regulador. O processo estimulava quase a garimpagem selvagem com a ocupação de cada pedaço de terra pelo potencial explorador que, posteriormente, solicitava a autorização por parte do governo para explorar aquele poço por 24 anos com uma renda fixa por hectare.

Também o refino cresceu. A primeira grande refinaria é de 1859 e, em 1867, Baku tinha mais de 15 refinarias, número que se expandiu com a ampliação da gama de derivados produzidos, inclusive com lubrificantes.

A atividade floresceu e, em 1873, o petróleo estava sendo extraído em Ramani, Sabunchi, Balakhany e Bibi-Helbat, em toda a península de Absheron. Os contratos de concessão permitiam as petroleiras exportar o produto e o primeiro oleoduto de 12 quilômetros, foi construído entre Baku e Balakhany em 1878, com

---

<sup>11</sup> (CAMPBELL, 2005, p. 64).

<sup>12</sup> Há registros de cerca de 500 poços produtores no início do século XVI, com as primeiras produções industriais ocorrendo em torno de 1847-1848, com a primeira refinaria sendo inaugurada em 1859.

<sup>13</sup> (BAGIROV, 1996).

<sup>14</sup> (BAGIROV, 1996).



a rede de dutos alcançando 230 quilômetros em 1898. A estrada de ferro Baku-Batumi, ligando o Mar Cáspio ao Mar Negro, foi inaugurada em 1883, com a chegada dos Rothschild para a região. O banco dos Rothschild controlava, no final do século, 40% das exportações de Baku, região que produzia mais da metade da produção mundial em 1901.

Esta ferrovia ligava os dois mares interiores da Europa, dando uma saída do mar Cáspio para o Mediterrâneo através do estreito de Bósforo, no Mar Negro, e ampliando as vias de acesso à Europa.

**Figura 1 – Ferrovia Baku-Batumi, ligando Mar Cáspio ao Mar Negro**



Fonte: John A. Dutton E-Education Institute/ Penn State University. Disponível em: [https://www.e-education.psu.edu/egee120/sites/www.e-education.psu.edu/egee120/files/lesson01/Baku\\_to\\_Batum.jpg](https://www.e-education.psu.edu/egee120/sites/www.e-education.psu.edu/egee120/files/lesson01/Baku_to_Batum.jpg)

Nos anos finais do século XIX, a Rússia passou por um intenso processo de industrialização, com uma vasta entrada de capitais estrangeiros, sob o comando do Ministro das Finanças do império czarista de 1882 a 1903, o conde Sergei Witte, no meio de um regime corrupto, com imensas desigualdades e incompetência generalizada. Witte considerava que a Rússia, chegando atrasada no processo de industrialização, precisava de ação direta do Estado para promover estas transformações da economia. Ele lançou um conjunto de programas para atrair capitais internacionais, de forma a financiar os investimentos na Rússia, adotou o padrão-ouro para dar confiança no sistema monetário do império do Czar e estabeleceu um sistema tarifário de proteção a indústria nacional, com altas tarifas na entrada de produtos manufaturados do exterior, para estimular a substituição de importações. Além disto, várias empresas estatais foram criadas para atuar diretamente na produção de vários setores da economia de forma a viabilizar a expansão da indústria nacional. O custo da maior parte deste programa de

industrialização recaiu sobre os mais pobres da região, especialmente os camponeses, através da elevação dos preços para se ajustar as altas tarifas.<sup>15</sup>

Em um dos primeiros experimentos desenvolvimentistas do mundo, a industrialização russa foi promovida pelo estado e estudada, entre outros por Alexander Gerschenkron<sup>16</sup>, clássico da Teoria do Desenvolvimento, que também influenciou muitos desenvolvimentistas latino-americanos. Um Estado forte, um campesinato passivo e uma pequena classe média levaram a Gerschenkron a teorizar que, na medida em que a industrialização caminhava da Inglaterra para o Leste da Europa, com as condições descritas acima, a necessidade de novas instituições se impunha para a indústria florescer<sup>17</sup>. O Estado deveria desempenhar este papel de dar saltos para romper o “atraso” destas economias. O Czar tentou fazer isto, mas sucumbiu as pressões de mercado e retraiu-se nestas transformações do setor de petróleo na antiga Rússia.

A inexistência de uma burguesia industrial levou o estado a promover a industrialização, apesar de várias contestações de análise crítica sobre a real dimensão do papel do estado. Em 1813, o governo czarista herdou os direitos de cobrar impostos feudais sobre a produção de petróleo em Baku e alternou esta cobrança com a atuação direta na produção, pelos próximos sessenta anos. Como o imposto, uma espécie de *royalty*, era cobrado sobre o faturamento estimado com preços de referência, não havia incentivo para investimentos privado no aumento da produtividade. Como os poços eram muito rasos, cavados manualmente com ferramentas primitivas, o arrendamento da terra era o principal custo exploratório e ele limitava os ganhos do explorador. Comparativamente ao que aconteceu na mesma indústria nos EUA, em Baku não houve progresso tecnológico, a produção declinou e as inovações institucionais não ocorreram.<sup>18</sup>

Em 1872, o governo do Czar Alexandre II resolveu leiloar para a iniciativa privada os campos de petróleo de Baku, em pequenos lotes que passaram a adotar as técnicas americanas de exploração e produção, viabilizando a expansão das atividades de refino e baixando os preços de referência, antes utilizados pelo governo para cobrar os impostos, expandindo o consumo de querosene para iluminação. A

---

<sup>15</sup> (ASCHER, 2004, p. 4).

<sup>16</sup> Tentando fazer uma interpretação do “atraso” da industrialização de alguns países da Europa, Gerschenkron foi um dos pioneiros dos estudos do desenvolvimento, utilizando ideias marxistas e contrapondo-se a continuidade linear do crescimento de Rostow. Destaca as especificidades de cada país e os saltos de quebras estruturais, com o importante papel do Estado. Uma boa resenha de suas ideias no contexto da discussão latino americana encontra-se em (RODRIGUES ALVES, 2016).

<sup>17</sup> (GERSHENKRON *apud* MCKAY, 1984).

<sup>18</sup> (MCKAY, 1984, p. 606).

maioria dos ganhadores destas concessões era constituída de oficiais leais ao Czar, com uma exceção: Zeynalabdin Tagiyev, filho de um sapateiro local, que veio a se tornar em um dos mais poderosos empresários petroleiros do Mar Cáspio. Junto com um armênio amigo, adquiriu um campo em Bibi-Heyat, considerado um dos piores do leilão. Em 27/09/1886, quatorze anos depois, um grande *blow out* ocorreu, lançando no ar, numa coluna de 68 metros de fumaça, mais de 84 mil barris por dia demonstrando as possibilidades de produção da região.<sup>19</sup>

Em 1877, a indústria de petróleo, incluindo o refino de querosene foi completamente isenta de impostos<sup>20</sup>, transformando-se em um grande negócio para os investidores internacionais.

Em 1883, a produção de petróleo tinha crescido mais de vinte vezes em relação a doze anos antes, período no qual o consumo de querosene produzido em Baku cresceu 14% ao ano, substituindo as importações dos EUA.<sup>21</sup>

Alguns meses depois do início do *boom* petroleiro em Baku, Robert, um dos irmãos da família Nobel, chegou a região com uma missão, quase militar, de comprar madeira para fazer coronhas para rifles do Exército do Czar. Se entusiasmou pelo petróleo, comprou um campo e uma refinaria e nada de madeira. O irmão Ludwig, o empresário da família, não gostou do investimento, mas apoiou o irmão, substituindo-o na direção dos empreendimentos no Cáucaso.

Nesta época, a *Nobel Brothers Petroleum Company* fez enormes investimentos no setor, desorganizou as pequenas empresas locais, criou infraestrutura de logística e transporta seu produto através do Mar Cáspio no primeiro navio petroleiro construído, o *Zoroaster*. Este navio petroleiro que substituía os barris de petróleo por grandes tanques no casco, foi construído e operado pelos Nobel para transportar petróleo de Baku através do Mar Cáspio, e o banco Rothschild financiou uma ferrovia para Batumi, no Mar Negro, abrindo novas rotas exportadoras, apesar das reações dos transportadores locais que perderam seus trabalhos.

Os Nobel se caracterizavam por ter refinarias mais limpas, com novas tecnologias, novos meios de transporte e agressividade na qualidade do produto, que veio a desbancar o querosene americano no mercado russo, vindo a ser exportado para os próprios EUA, já que não emitia os odores na iluminação, como o querosene americano.<sup>22</sup> Eles construíram um complexo integrado de produção de petróleo com

---

<sup>19</sup> (LEVINE, 2007, p. 29-30).

<sup>20</sup> (MCKAY, 1984, p. 607).

<sup>21</sup> (MCKAY, 1984, p. 608).

<sup>22</sup> (LEVINE, 2007, p. 35-37).

presença na produção, refino, logística e comercialização, com inovações tecnológicas e aumento de produtividade. Avançaram técnicas de perfuração, construção de tanques de armazenagem de aço, novas formas de construir oleodutos e montaram uma rede de distribuição para o varejo.<sup>23</sup>

Os irmãos Nobel tornaram-se os grandes produtores de Baku, combinando com os irmãos Rothschild o controle dos meios de transporte do produto para sair da região. Considerados os grandes inimigos dos produtores locais, os Nobel adotavam métodos tecnologicamente mais avançados para sua produção, procedimentos mais adequados para evitar os impactos sobre o meio ambiente e uma política de relações com os trabalhadores bem distinta dos outros produtores. Mantinham salários mais altos, tinham um programa de participação nos lucros e investiam nas condições de moradia de seus trabalhadores, construindo inclusive uma *Villa Petrolea*, para abrigar os que trabalhavam em seus campos e refinarias.<sup>24</sup>

Em termos de filantropia, no entanto, os Nobel estavam muita atrás de Zeynalabdin Tagiyev, o filho de sapateiros, único comprador pobre dos leilões de 1872. Ele foi o patrocinador do primeiro internato dedicado as meninas muçulmanas, provavelmente o primeiro do mundo islâmico, da mesma forma que construiu o primeiro teatro deste mundo e introduziu o balé em Baku. Saindo muito rico da indústria de petróleo, diversificou suas atividades, com o processamento de esturjões e produção de caviar, montou uma frota de navios de carga e ajudou a capitalizar o primeiro banco da cidade.<sup>25</sup>

O grande estrangulamento para a produção de Baku era a falta de ligação do Mar Cáspio com os oceanos, e as limitações de transporte até para o continente Europeu e asiático. O petróleo era transportado das áreas produtoras para as refinarias em carroças de duas rodas puxadas por animais, em balsas pelo rio Volga e por vagões de trem. O *Zoroaster*, primeiro navio petroleiro do mundo, vencia as barreiras de gelo do Mar Cáspio e ampliou as possibilidades de entrega por dentro deste mar interior. As limitações das cerca de 10 mil carroças que diariamente faziam o transporte dos poços as refinarias seriam superadas pela construção de um oleoduto ligando as áreas produtores as regiões de transformação do petróleo em querosene. Os milhares de transportadores se rebelaram e os Nobel, assim como outros “barões” do petróleo, foram considerados inimigos. O sucesso da empreitada de construção do oleoduto deu um enorme poder de controle sobre o escoamento da produção, principal elemento que afetava o custo final do querosene no mercado

---

<sup>23</sup> (JOHNSON, 2010, p. 436).

<sup>24</sup> (LEVINE, 2007, p. 47).

<sup>25</sup> (LEVINE, 2007, p. 49-50).

russo, em competição com o querosene importado dos EUA. Em torno da virada do século, os Nobel controlavam 326 oleodutos na região, cobrindo 130 quilômetros<sup>26</sup> e dando a eles um enorme poder de determinação de preços e condições competitivas, tanto na compra do petróleo, como na venda do querosene.

O processo de concentração, que colocava os Nobel no centro da indústria, esmagando os pequenos refinadores e transportadores, levava o setor a viver um outro estrangulamento, agravado pelo tipo de petróleo extraído, cujo uso para querosene era uma fração menor do que nos EUA. Ficava evidente a necessidade de encontrar novos canais logísticos, que permitissem as exportações para a Europa, com a competição com o produto importado dos EUA e vendido pela *Standard Oil*, levava a competição nos mercados europeus a um outro patamar.

Figura 2 – Mapa do Mar Cáspio e sua posição nas relações Europa-Ásia



Fonte: LeVine, 2007

Os Rothschild, que já controlavam a produção e logística no Cáspio, depois da ferrovia Baku-Batumi criaram a *Caspian and Black Sea Petroleum Company* (Bnito), em 1886, ampliando sua capacidade de refino no porto de chegada (Batumi, na Geórgia), muito maior do que o mercado europeu. Eles já tinham uma forte presença no mercado russo, mas precisavam ampliar suas exportações para outros países da Europa e para os mercados asiáticos, em direta disputa com a *Standard Oil* que exportava seu querosene dos EUA.

<sup>26</sup> (LEVINE, 2007, p. 40).

De uma economia fortemente dependente do estado czarista, o petróleo em Baku virou um paraíso para os grandes investidores estrangeiros, sem regulação, sem impostos, com todas as forças para os interesses dos produtores predominarem, mesmo que às custas da sociedade, da natureza.

Ao chegarem a Batumi, os Rothschild se aproximaram de Marcus Samuel, da Shell, que propôs um plano ambicioso e secreto de exportar querosene a partir do Mar Negro para mercados na Ásia, passando pelo Canal de Suez, diminuindo as rotas de transporte quando comparados ao produto proveniente dos EUA, exportados pela *Standard Oil*. Isto envolvia uma decisão do governo britânico, que controlava o canal e que tinha recusado proposta semelhante dos Rockefeller. Agora os interesses geopolíticos dos britânicos falaram mais alto e os Rothschild-Shell conseguiram a concessão, utilizando novos navios petroleiros, ameaçando o poderio americano no mundo do petróleo. As exportações da *Standard Oil*, que eram 78% das exportações mundiais em 1888, caíram para 71%, três anos depois com a entrada do querosene de Baku-Batumi.<sup>27</sup>

Milhares de pessoas passaram a chegar ao porto de Batumi, transformado rapidamente de um pequeno porto local em um porto mundial, com mais movimento do que o porto de Filadélfia, em São Francisco ou o Port Arthur, no Texas, ambos nos EUA.<sup>28</sup>

Nos primeiros anos do século XX, a Shell se incorporou na área, transportando querosene e mais tarde se fundiu com a *Royal Dutch*, que já tinha tido sucesso exploratório na Sumatra<sup>29</sup> (hoje Indonésia), formando a atual *Royal Dutch-Shell*.

A história da Shell teve sua origem na disputa entre dois grandes empresários<sup>30</sup>: o Marcus Samuel, – que controlava uma empresa de transportes de petróleo e tinha sua principal fonte de suprimento em Baku e teve algum sucesso exploratório em Bornéu, – e fundou a *Shell* e Henri Deterding, que estruturou a *Royal Dutch*, depois do sucesso exploratório na Sumatra, ainda que a produção tenha sido menor do que a esperada.

Samuel formou uma associação de *traders* e transportadores da Rússia e do Extremo Oriente e os transformou em acionistas de uma empresa que era uma

---

<sup>27</sup> (LEVINE, 2007, p. 44-45).

<sup>28</sup> (LEVINE, 2007, p. 43).

<sup>29</sup> Yergin (2009, p. 118) relata que a *Royal Dutch* perfurou 110 poços secos, antes de encontrar o primeiro óleo.

<sup>30</sup> (YERGIN, 2009, Cap. 6).

concha (*Shell*) de proteção para eles, no enfrentamento com a poderosa *Standard Oil*. Na intensa guerra de preços promovida pela grande empresa americana, os pequenos produtores ficavam vulneráveis e a perspectiva da *Shell*, depois consolidada com a fusão *Royal Dutch-Shell*, era substituir a política de preços como arma competitiva pelos acordos entre empresas rivais, na divisão articulada de mercados.<sup>31</sup>

Em 1900, a *Shell* consegue a renovação do contrato de fornecimento de petróleo originário de Baku, com os Rothschilds, com a ameaça de abandoná-los e substituir seu óleo pela produção própria proveniente de Borneu.<sup>32</sup>

Deterding, da *Royal Dutch*, que vinha do setor financeiro substituindo um exploracionista John Baptiste Kessler, buscou a fusão com a *Shell* como forma de proteção contra os ataques da *Standard Oil*, tanto nas áreas de produção novas no Oriente, como nas tradicionais da Rússia e Romênia. Juntas, a *Shell* e a *Royal Dutch* controlavam mais da metade das exportações de petróleo da Rússia e do Extremo Oriente.<sup>33</sup> Deterding queria esta fusão para aumentar seu poder de barganha com as outras petroleiras, porque ele não acreditava que a disputa via preços seria viável nesta indústria. O processo de fusão foi intermediado pelo arrendador de navios Fred Lane, que também mantinha vínculos com os Rothschilds e era amigo do Marcus Samuel. Lane sabia que não poderia ser uma aliança apenas na comercialização, se a produção também não entrasse no acordo, enquanto Samuel tentava também, barganhar com a *Standard Oil*, para evitar ficar na exclusiva dependência da *Royal Dutch*. Em finais de 1901, a fusão ocorre e surge a *Royal Dutch-Shell* com Samuel como presidente do Conselho de Administração e Deterding como chefe executivo, passando entre outras coisas, a controlar as exportações de óleo da Rússia antes pertencentes aos Nobel, com apoio financeiro dos Rothschild, que se tornaram acionistas da nova companhia, que se funde completamente somente em 1906.<sup>34</sup> Dois gigantes passavam a dominar o mercado mundial de petróleo: a *Standard Oil* americana e a *Royal Dutch-Shell* anglo-holandesa. A disputa se intensificava entre os dois.

As questões geopolíticas afetaram fortemente o mercado de petróleo na transição do século XIX para o XX: a guerra dos Boer, na África do Sul, em 1899, elevou os preços internacionais de petróleo que, logo depois, começaram a declinar, ao mesmo tempo em que a Rússia passava por uma grande escassez de alimentos e

---

<sup>31</sup> (HEWINS, 2009, p. 107).

<sup>32</sup> (YERGIN, 2009, p. 117).

<sup>33</sup> (YERGIN, 2009, p. 121).

<sup>34</sup> (YERGIN, 2009, p. 124-125).

fome generalizada, enquanto na China, a revolução dos Boxers criou um ambiente muito hostil aos estrangeiros, particularmente a *Shell*. Quando os preços começaram a declinar, a *Shell* tinha um grande estoque de petróleo em seus tanques, adquiridos com preços altos e a produção de Bórneu não avançava como esperado.

Na transição do século XIX, o petróleo começou a mudar seu principal uso, deixando de ser um combustível para iluminação, como o querosene, para se transformar no principal combustível para os motores a combustão e compressão, gerando energia motora com a utilização da gasolina e óleo diesel. Os primeiros anos do século XX viram a expansão da produção automobilística, a substituição do carvão pelo petróleo como combustível dos navios e o uso generalizado de motores à explosão.

Nesta época as grandes empresas de petróleo viviam uma intensa disputa entre elas envolvendo não somente a guerra de preços, com deletérios efeitos sobre todos, incluindo os próprios distribuidores que ficavam esperando para a próxima rodada de redução de preços para adquirir seus produtos, colocando-se sem estoques suficientes para aproveitar a retomada da demanda de seus próprios consumidores. Além da guerra de preços, algumas vezes elas dividiam o mercado internacional com acordos entre elas, assim como as fusões e aquisições eram frequentes. Era um ambiente de intensa competição entre os grandes produtores.

A guerra Turco-Russa de 1877-1878 agravou a situação da logística com o controle de Batumi pelos turcos. O estado foi novamente chamado para salvar o capital privado, com a extensão da ferrovia privada de Tbilisi, na Geórgia, para Baku, garantindo o capital necessário para o investimento.<sup>35</sup> A partir de 1883, o Estado czarista retorna as suas atividades na indústria de petróleo, com mudanças organizacionais da presença do governo e com um diagnóstico que concluía pela necessidade da construção de um oleoduto transcaucasiano, para diminuir o poder de monopólio dos transportadores. Logo vários projetos de oleodutos foram apresentados pelos empreiteiros interessados, com muitos movimentos não transparentes, corrupção aberta de oficiais do governo e trapaçadas para influenciar na escolha do projeto vencedor. A disputa ocorria tanto no traçado do oleoduto, como na estrutura de financiamento e garantias de mercado. Um dos projetos queria chegar ao Mar Negro, mas exigia o monopólio do transporte por trinta anos, colocando em suas mãos a capacidade de produção de petróleo de Baku, que ficaria totalmente dependente das políticas do transportador.

---

<sup>35</sup> (MCKAY, 1984, p. 610).



Outro dos seis projetos de 1883 reduzia o tempo de monopólio para 15 anos e um terceiro não exigia o monopólio, mas solicitava a autorização para a construção de uma empresa integrada da produção a comercialização, passando pelo refino e transporte.

Por outro lado, um dos problemas que ameaçava o conjunto de pequenos refinadores de Baku era a possibilidade do oleoduto transportar o petróleo cru para as refinarias europeias, aumentando seu custo para os refinadores locais, que se uniram aos irmãos Nobel, seus ferozes adversários, no combate a construção do oleoduto.<sup>36</sup>

Um outro componente na disputa pelos oleodutos, além da concorrência com as ferrovias era o perigo das exportações de petróleo cru para as refinarias da Europa, incluindo aquelas dos irmãos Nobel em Batumi, na costa da Geórgia no Mar Negro, que utilizariam esta carga, diminuindo a sua disponibilidade para os refinadores locais. Alguns tentaram proibir as exportações de petróleo cru, mas apareceu um desenvolvimento tecnológico de utilizar o petróleo pesado de Baku no refino de tipos especiais de querosene para iluminação, aumentando o valor deste produto.

Numa tentativa de diversificar as fontes de suprimento de petróleo, tanto os alemães como os britânicos buscavam crescer sua presença na Pérsia, que hoje é o Irã, e na Mesopotâmia, que hoje é o Iraque.

Já em torno de 1890 o *Deutsche Bank* obteve a concessão para a construção de uma ferrovia em Bagdá, com autorização de direitos de mineração na faixa de domínio em toda a Mesopotâmia, que deu origem a grandes conflitos com o governo turco.

Também em 1900, na Pérsia, onde hoje é o Irã, William Knox Darcy adquiriu por 20 mil libras o direito de exploração que efetivamente começa em 1902 com pouco sucesso. Um empresário com apoio financeiro de bancos e suporte do governo britânico que queria limitar a influência russa no Oriente Médio, Darcy conseguiu manter suas atividades com insucesso até 1908. Nas colinas de Zagros, depois de receber ordens de parar a perfuração, a turma de exploracionistas coordenada pelo Jacques de Morgan, encontrou petróleo em uma das mais prolíficas regiões exploratórias do mundo. Os conflitos com o governo turco também se intensificavam pelos seus desejos de disputar a expansão dos direitos para a

---

<sup>36</sup> (MCKAY, 1984, p. 613.).

Mesopotâmia, onde hoje é o Iraque. Darcy cria a *Anglo Persian Oil Company* no que é hoje o Irã.

Seis dias antes da eclosão da I Grande Guerra, o governo britânico entra na *Anglo Persian Oil Company* com 51% das ações da empresa que mais tarde será a BP. Nos anos 20 e 30, com a dissolução do Império Otomano e a formação da Arábia Saudita, Iraque e Kuwait, as tensões aumentam e surge, articulada por Calouste Kulbenkian, a *Iraq Petroleum Company* tendo como sócios Shell, BP, antiga Total (CFP), Móbil e Esso, na época sob o comando da *Standard Oil*.

Figura 3 – O traçado da Red Line Agreement (1928)



Fonte: MountHolyoke. Disponível em: [https://www.mtholyoke.edu/acad/intrel/Petroleum/Middle\\_East.jpg](https://www.mtholyoke.edu/acad/intrel/Petroleum/Middle_East.jpg)

Eles definiram uma área de mútuo interesse, que ficou conhecida como *Red Line Agreement*, definindo um monopólio efetivo na exploração de petróleo naquela parte do mundo, deixando de fora as áreas do Irã e Kuwait. A Chevron, que ficou fora do acordo, assinou contrato com o Bahrain por 30 mil moedas de ouro para explorar por lá, em região muito próxima a Arábia Saudita.<sup>37</sup>

## 2.2. A revolta de 1905: “Grande Ensaio” de 1917

<sup>37</sup> (CAMPBELL, 2005, p. 70).

Na virada do século XIX para o XX, a região russa era a segunda maior produtora de petróleo do mundo, tinha a maior parte das atividades industriais do império czarista e uma das piores condições sociais da Europa. Desastres ambientais como os resíduos das produções lançados em poças na superfície, sem qualquer tratamento, incêndios frequentes, acidentes cotidianos, mortes, violência, precárias condições de habitabilidade, poluição, péssimas condições de trabalho caracterizavam a região do Cáucaso.

Em 1900, o regime czarista estava em frangalhos, com o Cáucaso, sede da maior parte da indústria de petróleo, sendo uma das piores partes do império. Em 1905, ainda que motivado por razões étnicas e raciais os conflitos se intensificaram com um grande ataque, incluindo muitos assassinatos, aos armênios por parte dos tártaros, além de uma intensa destruição dos campos de petróleo afetando dois terços dos poços produtores da região. Fora da Rússia, a *Standard Oil* reforçou seus laços com a produção no Oriente, expandindo suas exportações de querosene para estes mercados que perdiam o fornecimento russo.<sup>38</sup>

Os *blow out* eram comuns. Baku foi invadida por milhares de aventureiros, com sua população saindo de 14,5 mil habitantes na última década do século XIX para 80 mil no início do século XX, atingindo 207 mil na época da Revolução de 1905. Como a exploração de petróleo era essencialmente de poços muito rasos, as pessoas escavavam com pás seus próprios quintais, instalavam uma torre e faziam uma destilaria em seus pequenos pedaços de terra, com grandes riscos, desastres e exploração depredatória.<sup>39</sup>

Revoltas se sucediam, com fortes componentes étnicos e raciais, com perseguição e genocídio de armênios pelos tartares, disputas entre turcos muçulmanos e cristãos e pouco respeito às leis e à ordem. Os conflitos russos-turco se agravaram com novas dimensões. O massacre que ficou conhecido como o “Domingo Sangrento” de janeiro de 1905 matou milhares de armênios. Há um componente religioso nestes massacres: os tartares, nativos do Azerbaijão, são turcos muçulmanos shiitas, com pouca participação dos sunitas nos atos de violência contra os cristãos armênios.

Em 1905 ocorre uma grande revolta, também contra o Czar, quase uma revolução, que forjou alguns líderes da futura Revolução de 1917 e foi uma grande precursora deste movimento de derrubada do czarismo e implantação do regime

---

<sup>38</sup> (YERGIN, 2009, p. 130-131).

<sup>39</sup> (LEVINE, 2007, p. 31-32).

soviético. Lenin chamou a esta revolta do “Grande Ensaio” para 1917, mas ela teve importantes componentes raciais e étnicos.

Os armênios eram geralmente os mais ricos, industriais e gerentes, enquanto os azerbaijanos (tartares) eram os trabalhadores do campo e das péssimas condições de trabalho das áreas produtoras de petróleo e seu refino. Os bolcheviques encontravam entre os armênios sua principal base, e os czaristas utilizaram os conflitos com os azerbaijanos, para provocar massacres dos armênios e enfraquecer os bolcheviques. Milhares de vidas foram perdidas, mas as revoltas de 1905, com a destruição de poços de petróleo e desmantelamento de refinarias, constituíram um importante momento que, junto com as greves de São Petersburgo, levou o governo czarista a ter uma Constituição.

As revoltas de Baku forjaram muitos líderes da Revolução de 1917. Josef Stalin iniciou sua vida sindical na região. “Nina”, como era conhecida a gráfica de onde partiam os panfletos dos bolcheviques, era localizada no Mar Cáspio<sup>40</sup>, que aproveitava os canais de distribuição dos produtos petrolíferos para chegar na Europa, depois de passar pela Pérsia e atingir toda a Rússia.<sup>41</sup>

A grande vantagem da produção russa, especialmente da região do Cáucaso, era seu baixo custo de extração. Má gestão da produção e perfurações descontroladas começaram a mudar esta vantagem, com os custos se elevando, enquanto a instabilidade política desestimulava o investimento estrangeiro, transformando o óleo russo em residual, comprado apenas quando outras fontes não eram disponíveis. Uma outra fonte importante para a Europa era a Romênia, com fortes investimentos de bancos húngaros e austríacos, além da presença da *Standard Oil*, do *Deutsche Bank* e da *Royal Dutch-Shell*.<sup>42</sup>

A Revolução de 1905 assustou os *Nobel* e os *Rothschild*, que começaram a definir uma estratégia de saída da Rússia, até que em 1911 eles venderam todas as suas operações russas para a *Royal Dutch-Shell*, em troca de ações desta empresa. A firma anglo-holandesa passou a ser a mais importante da Rússia, controlando um quinto de toda a produção do país. Adquirindo os ativos dos *Rothschild* e *Nobel*

---

<sup>40</sup> Localizada em Baku imprimia o *Iskra* sob a direção clandestina de um dos mais famosos engenheiros gerentes da região Leonid Krassin, que veio a ser um dos poderosos ministros das relações exteriores e da economia sob Lenin, depois da revolução de 1917. Krassin, revolucionário militante até 1912, assume várias gerências de empresas como a Siemens no exílio, fora da ação partidária e é chamado por Lenin para ajudar a recomposição da economia e relações internacionais, depois da revolução. Foi um dos representantes soviéticos na negociação do tratado de Brest Litovski com a Alemanha. Morre em Londres, em missão defendendo a URSS. (ŠROM, 1926).

<sup>41</sup> (YERGIN, 2009, p. 129).

<sup>42</sup> (YERGIN, 2009, p. 132).

que se assustaram com a revolta de 1905, a *Royal Dutch-Shell* se consolida como principal empresa da região<sup>43</sup>, ampliando via aquisições de empresas locais e outras internacionais, sua presença na Rússia, mesmo depois da Revolução de 1917, que eles consideravam que seria derrotada no curto prazo.

A produção russa de Baku estava em claro declínio pela falta de investimentos e as exportações do país desceram de 31% exportações mundiais, em 1904, para 9% em 1913.<sup>44</sup>

### 2.3 A Primeira Guerra Mundial e a consolidação do petróleo no mundo

Em 1910, mais de 60% dos poços produtores estavam sob o controle da *Royal Dutch-Shell*, dos irmãos Nobel e do grupo financeiro Rothschild, além da *Russian General Oil Society*, que reunia os interesses de empresas francesas e inglesas na região.<sup>45</sup> Baku era controlada pelas empresas internacionais, sob a gestão do império czarista.

Quando começa a I Guerra a importância da produção de Baku tinha diminuído em relação aos primeiros anos do século XX, antes da Revolução de 1905. Apesar de menor, a produção de petróleo da região era de uma grande importância estratégica para todos envolvidos na guerra e ela continuava sendo a segunda maior produtora do mundo. Até 1917, o controle do governo czarista era quase total sobre Baku, mas depois da revolução soviética houve uma intensa batalha para controlar tanto os campos de produção, como a logística.

Depois da I Grande Guerra, o mundo tornou-se muito mais dependente do petróleo, não só por causa de suas utilizações militares no transporte de armas e tropas, como também pela grande motorização da economia. As disputas entre as grandes empresas de petróleo e os governos dos vários países produtores se intensificaram, assim como as disputas entre os consumidores para garantir seu próprio suprimento.

Em junho de 1918, depois da revolução bolchevique de 1917, cerca de 400 empresas ligadas a atividade petrolífera em Baku foram nacionalizadas. Antes do final de 1918 o governo Azerbaijão, controlado pelos mencheviques, revogou o decreto de nacionalização e devolveu as empresas aos antigos donos. O governo do

---

<sup>43</sup> (FISCHER, 2016(1927), p. 42).

<sup>44</sup> (YERGIN, 2009, p. 133).

<sup>45</sup> (BAGIROV, 1996).

Azerbaijão foi derrubado pelo Exército Vermelho no início do segundo trimestre de 1920, renacionalizando as empresas.

Na I Guerra, os alemães assinaram um tratado de não agressão com o governo bolchevique (Brest Litovski) para viabilizar sua entrada na região de Baku e explorar o petróleo para fornecer às suas tropas. Os turcos, aliados dos alemães, por interesses próprios já tinham iniciado ofensiva contra os campos de Baku, levando o governo alemão a temer perder a aliança com os soviéticos. A Alemanha se propôs a conter a expansão turca, em troca do petróleo de Baku, mesmo com Lenin e Stalin concordando com o acordo, os militantes de base de Baku se recusaram, enfrentando a invasão turca. Os ingleses foram chamados e uma pequena guarnição chegou, passando pela Pérsia, e ficou apenas um mês na região, mas impedindo o fornecimento de combustíveis para as forças germânicas em um momento crucial da guerra, em abril de 1918.<sup>46</sup>

Os ingleses mandaram tropas para combater os turcos e alemães e garantir o acesso britânico a região produtora de Baku. No fim da I Guerra, os ingleses voltaram a Baku, mas no navio capitaneando a frota, que partiu da Pérsia em novembro de 1918, além das bandeiras da Grã-Bretanha, EUA e França, havia também uma bandeira do derrotado império czarista, mesmo depois da Revolução Soviética de 1917.<sup>47</sup> Os ingleses saíram de Baku em 1919, mas mantiveram sua política de estimular a divisão da URSS, fomentando as disputas entre a Rússia Central e sua parte sul, que incluía a região do Mar Cáspio, rico em petróleo. Em abril de 1920, os bolcheviques entraram em Baku e a Geórgia se incorporou à URSS em fevereiro de 1921.<sup>48</sup>

Quando o Czar da Rússia foi derrubado pela Revolução Soviética, em março de 1917, a Grã-Bretanha estava ocupando Bagdá, no atual Iraque, logo depois de uma aliança com o império czarista para a construção de um duto de 600 milhas, ligando Trebizonda, no Mar Negro, à Erzurum, na Turquia e chegando à Bagdá, no Iraque. O novo regime soviético começa em direto conflito com o império britânico, depois de destituir o império czarista russo.<sup>49</sup>

Os ingleses fizeram um acordo com os turcos que permitia a sua presença em Baku, criando a *British Oil Administration*, sob comando das Forças Armadas do Reino Unido, para proteger os interesses das empresas britânicas na região. Um dos diagnósticos do general Thomson referia-se às dificuldades oriundas das disputas

---

<sup>46</sup> (YERGIN, 2009, p. 182).

<sup>47</sup> (FISCHER, 2016 (1927), p. 29).

<sup>48</sup> (FISCHER, 2016 (1927), p. 35).

<sup>49</sup> (FISCHER, 2016 (1927), p. 22-23).

entre o Azerbaijão e a Geórgia sobre as tarifas de transporte das ferrovias e dutos que ligavam o Mar Cáspio ao Mar Negro.

Em abril de 1918, quando os turcos atacaram o Cáucaso, foi formada a Tríplice Aliança - Geórgia, Armênia e Azerbaijão - controlando os dutos que saiam de Baku, no Mar Cáspio para o Mar Negro e Mediterrâneo, com acordos com o império germânico, para permitir o transporte do óleo necessário para as tropas alemãs. Os turcos se concentraram no Azerbaijão, invadindo Baku, enquanto os alemães ocupavam o norte da Pérsia, hoje Irã.<sup>50</sup> O objetivo dos alemães era garantir acesso e suprimento de petróleo.

Por um lado, a Tríplice Aliança (Federação Transcaucasiana) foi formada para lutar contra o império otomano, principalmente por parte dos armênios, enquanto os azerbaijanos torciam pela chegada dos turcos, refletindo uma das instabilidades da aliança. Por outro lado, os russos se associaram aos alemães e declararam a independência da Geórgia, inviabilizando a continuidade da Tríplice Aliança. Um general americano enviado para estudar a possibilidade dos EUA apoiarem um estado na Armênia concluiu que as dificuldades eram imensas, com a ausência de uma classe dominante educada no Azerbaijão, as ameaças de tomada de poder pelos bolcheviques na Geórgia e pela destruição e fome que grassavam na Armênia, abrindo espaços para a entrada de uma nação dominante nos três países.<sup>51</sup>

Quem assumiu este papel foi o estado soviético, apesar das guerras com os turcos, britânicos e alemães. Em 1922 foi fundada a *Soviet Transcaucasian Federation* para representar os interesses soviéticos nos três países, que buscava dar certa coordenação a partir de Moscou sobre os países do Cáucaso.

A *Standard Oil of New Jersey* conseguiu um contrato com o governo do Azerbaijão para compra de petróleo, mas os ingleses utilizaram de toda a sua força militar e diplomática para revogar este contrato, considerado nocivo aos interesses da *Royal Dutch-Shell*.<sup>52</sup>

Em 1920, os exércitos britânicos e soviéticos se enfrentavam na região, em disputa com os turcos, enquanto os EUA, percebendo que suas reservas domésticas começavam a declinar, não poderiam deixar o Reino Unido se apropriar das ricas reservas russas em um mundo cada vez mais carente de petróleo.

---

<sup>50</sup> (FISCHER, 2016, p. 25).

<sup>51</sup> (DE WAAL, 2012, p. 1713-1714).

<sup>52</sup> (O'HARA, 2004, p. 141-142).

A produção, em 1921, era quase 44% do que tinha sido em 1913, com um alto custo de extração, com dificuldades de exportação pelas deficiências na logística de transportes e sem o capital necessário para a modernização, eletrificação e adoção de tecnologias mais adequadas para expandir o produto na região petrolífera.<sup>53</sup>

### 3. União Soviética e mundo ocidental: busca de romper o isolamento

Algumas grandes empresas internacionais, incluindo a *Royal Dutch Shell*, numa visão que combinava a esperança de rápida queda do regime da URSS com os grandes volumes de petróleo da região do Mar Cáspio, mesmo participando das ações contra a nacionalização e exigências de compensações, passaram a adquirir empresas russas menores. Com efeito, criaram um enorme mercado secundário de vendas de ações, com descontos de empresas, grandes negociatas e corrupção.

Depois da Revolução de 1917, o governo soviético sofreu um cerco das maiores potências do mundo e foi mantido isolado das relações internacionais até 1922. Em 10 de abril de 1922 começou a Conferência Internacional de Gênova, Itália com a participação, pela primeira vez desde a Revolução de 1917, de representantes do governo soviético em uma conferência internacional. Os EUA mandaram observadores e defendiam uma política de bloqueio e não reconhecimento do Estado soviético, atuando firmemente para impedir qualquer acordo entre os representantes do governo revolucionário e outras nações, incluindo os interesses das companhias de petróleo, especialmente a *Standard Oil* e a *Royal Dutch-Shell*. Lenin deveria ser o representante soviético, mas os boicotes americanos e disputas entre as duas gigantes do petróleo, bem como as condições de sua saúde levaram a delegação a ser chefiada por Georgy Vassilevich Chicerin, chanceler da URSS.<sup>54</sup>

A Conferência de Gênova foi convocada como se fosse para discutir a situação pós I Guerra na Europa, mas tinha como forte pano de fundo, e principal tema, a indenização das propriedades dos não russos nacionalizadas pelos soviéticos. Estes adotavam uma estratégia de fazer algumas concessões ao capital internacional, de forma bilateral, utilizando suas potenciais reservas de petróleo como instrumento de barganha e de conquistas diplomáticas. As rugas entre os EUA e a Inglaterra, entre a *Standard Oil* e a *Royal Dutch-Shell* inviabilizaram o sucesso desta empreitada, apesar dos grandes interesses estratégicos objetivos destes dois contra a URSS.<sup>55</sup>

---

<sup>53</sup> (FISCHER, 2016 (1927), p. 44).

<sup>54</sup> (CHOSSUDOVSKY, 1972, p. 555).

<sup>55</sup> (HEYMANN, 1948, p. 306).



Esta conferência a foi o palco de uma intensa disputa entre as duas empresas gigantes do petróleo na época: a *Standard Oil* dos EUA e a *Royal Dutch-Shell*, anglo holandesa. Os principais dirigentes de empresas de petróleo participaram da conferência<sup>56</sup> e A. C Bedford, presidente do Conselho de Administração da empresa americana afirmou claramente que seu objetivo era impedir qualquer acordo em que alguns estivessem beneficiados com relação ao novo regime soviético, sem que todos estivessem presentes e que todas as pendências estivessem resolvidas. Era um claro recado para a *Royal Dutch-Shell* que vinha mantendo negociações com Leonid Krassin, representante da URSS em Londres, através do lendário Coronel J. W. Boyle<sup>57</sup> buscando obter concessões no Cáucaso.

O impasse da conferência se deu em torno do ressarcimento das propriedades estatizadas durante a Revolução de 1917, que o governo de Lenin queria retornar a todos os proprietários para operação, sob comando do Estado, em partes iguais entre as potencias internacionais. A *Standard Oil* se opôs fortemente, apoiando as posições da França e Bélgica em defesa da parcela adquirida dos Nobel em Baku. Itália e Alemanha se mantinham em posição neutra e o governo inglês dava suporte as posições da *Royal Dutch Shell* que mantinha aberta as negociações com os soviéticos.

A oposição dos americanos era motivada pela avaliação de que, se os ingleses e a *Royal Dutch Shell* alcançassem algum acordo com o governo de Moscou, isto daria controle sobre o petróleo do Cáucaso e seria um forte abalo sobre os planos de expansão dos EUA para o mercado europeu e no Oriente. Apoiando a *Standard Oil*, o governo dos EUA boicota qualquer perspectiva de acordo bilateral que tirasse a URSS do isolamento e beneficiasse os interesses ingleses. As desconfianças entre as nações capitalistas impediram a cooperação de regimes diferentes, apesar da disposição dos soviéticos.<sup>58</sup>

A empresa dos Rockefeller também se alinhava aos objetivos estratégicos do Departamento de Estado, que queria o isolamento dos comunistas e bombardeava os esforços de coexistência pacífica que poderia se desenvolver, se a conferência fosse um sucesso. Ela foi um fracasso!

Alguns meses antes do início da Conferência de Genova, a americana *Standard Oil* tinha feito um acordo com a inglesa *Anglo-Persian Oil Company*,

---

<sup>56</sup> A *Standard Oil* era representada por Gustav Nobel, a *Royal Dutch Shell* por Henry Detereding, assim como os principais dirigentes da *Anglo Persian Oil*, e do *Franco Belgian Syndicate* estavam presentes pessoalmente, conforme (FISCHER, 2016 (1927), p. 93).

<sup>57</sup> (FISCHER, 2016 (1927), p. 40).

<sup>58</sup> (HEYMANN, 1948).

articulando seus interesses sobre os campos de petróleo do Norte da Pérsia, Palestina e Mesopotâmia, sem, contudo, alcançar um acordo com a *Royal Dutch Shell* em relação a região do Cáucaso. Esta empresa iniciou contatos diretos com o governo soviético para conseguir concessões de campos, mesmo depois das desapropriações revolucionárias posteriores a 1917.

Uma delegação soviética, liderada por Leonid Krassin, teve encontros secretos com representantes da *Royal Dutch-Shell*, em Londres, provocando um grande escândalo que abalou a credibilidade da Conferência de Gênova. Enquanto as grandes empresas disputavam as conferências e não chegavam a um acordo com o governo de Moscou, empresários independentes faziam negociações diretas, tentando obter concessões dos bolcheviques.

Em 1922, depois de uma viagem a Londres para se encontrar com o poderoso Leonid Krassin, Harry D. Sinclair, um destes empresários americanos, obteve uma concessão para explorar petróleo nas ilhas Sakhalin, em uma outra manobra diplomática dos soviéticos para deslocar os interesses japoneses que disputavam o controle da região. A URSS esperava obter o apoio do EUA na sua disputa com os japoneses, mas também não alcançaram êxito e a concessão foi revogada em favor do governo de Tóquio a fim de finalizar as hostilidades.<sup>59</sup> Além de Sakhalin, o Sinclair dizia que seu acordo secreto com os soviéticos lhe garantia o controle da produção em Baku, Grozny e outras partes do Cazaquistão. Nada disso se efetivou. Um dos motivos do fracasso foi a denúncia da participação de Sinclair no suborno do Ministro da Fazenda dos EUA, para conseguir concessões de petróleo no Wyoming, no escândalo que ficou conhecido por *Teapot Dome*.<sup>60</sup>

Um outro destes aventureiros empresários era o americano Henry Mason Day, que fez um contrato com os soviéticos para intervir em poços já em produção, aumentando sua produtividade, com a utilização de novas técnicas de perfuração e recuperação avançada, além de atividades exploratórias em áreas em Balakhany, nos arredores de Baku. A primeira equipe de engenheiros chega a URSS em junho de 1923, provocando uma verdadeira explosão de produtividade, tanto na produção como no refino.<sup>61</sup>

---

<sup>59</sup> (HEYMANN, 1948, p. 308).

<sup>60</sup> (LEVINE, 2007, p. 67).

<sup>61</sup> (LEVINE, 2007, p. 66).

Um dos mais longevos empresários de petróleo na região do Cáucaso, Leslie Urquhart, tinha o seguinte diagnóstico sobre o setor em 1922<sup>62</sup>, para justificar a dependência dos soviéticos ao capital internacional:

- (i) os russos não podem exportar petróleo por limitações de logística;
- (ii) o aumento da produção dependeria de um programa de perfuração de pelo menos cinco anos, para voltar aos níveis de 1917, exigindo investimentos superiores a 20 milhões de libras esterlinas, que o governo soviético não dispunha e;
- (iii) mesmo que seja possível retomar os níveis de produção de 1917, os investimentos na infraestrutura consumirão todos os ganhos.

Depois dos insucessos de sua diplomacia de tentar atrair capitais internacionais para o desenvolvimento da indústria do petróleo, os soviéticos decidiram concentrar suas ações no desenvolvimento doméstico e melhorar a gestão e o desenvolvimento técnico de suas operações. O *Naphta Syndicate* foi instituído pelo governo de Moscou, com o monopólio das exportações de petróleo, de forma a obter as divisas necessárias para o país. Em 1924, a URSS teve a “ousadia” de abrir uma subsidiária em Londres, a *Rússian Oil Products* (ROP), provocando a ira das companhias internacionais de petróleo, incluindo a própria *Royal Dutch-Shell*, apesar de seu histórico de tentativa de negociação, em disputa com a *Standard Oil*. Agora os dois impérios empresariais estavam juntos contra os soviéticos.

Em agosto de 1924, o governo da URSS estabeleceu em Londres a *Russian Oil Products Ltd. (ROP)*, com apoio financeiro e como distribuidora dos produtos da *Naphta Syndicate*, também do governo de Moscou, a primeira empresa soviética a operar no mercado britânico depois do restabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países. A imprensa inglesa da época iniciou uma intensa campanha contra a empresa alegando questões de segurança no transporte de produtos produzidos no sul da Rússia, apesar de ser uma empresa totalmente legalizada de acordo com as regras do mercado londrino.<sup>63</sup>

A ROP expandiu sua rede logística no Reino Unido, passando a ser referência neste mercado levando a ganhos de eficiência que se expressaram em queda dos preços de gasolina, considerando-se também que o *Naphta Syndicate*

---

<sup>62</sup> (FISCHER, 2016, p. 109.).

<sup>63</sup> (BOGOMOLOVA, 2004a).

controlava 40% das reservas de petróleo do mundo na segunda metade dos anos 1920.

Os soviéticos, isolados depois da Revolução de 1917, transformaram-se em exportador de petróleo, cerca de cinco anos depois, principalmente para o Reino Unido, Egito e Índia, apesar do boicote e pressão das empresas internacionais de petróleo, especialmente da Inglaterra e França, que consideravam que a nacionalização de seus ativos na antiga Rússia merecia ressarcimentos.

Grandes inovações tecnológicas ocorreram na indústria do petróleo do Mar Cáspio sob o regime soviético depois de 1922. Em Bibi-Heibat foram desenvolvidas técnicas de aterramento e controle de águas em grandes baías, com obras concluídas em 1927. Foram também concluídos os 843 quilômetros do oleoduto Baku-Batumi com tubos de 250 mm de diâmetro e 13 estações de compressão, em 1925, assim como ocorreu a primeira perfuração de poço de petróleo *offshore*, ainda que a partir de uma ponte de madeira, sem contar os inúmeros avanços tecnológicos ao longo da cadeia de suprimentos de equipamentos para o setor.<sup>64</sup>

Chicherin, que chefiava a delegação soviética na Conferência de Genova e era originário da nobreza russa, mas firme aderente aos princípios revolucionários dos bolcheviques, fez um importante discurso no evento, defendendo a cooperação entre os povos de diferentes regimes, propondo a abertura de várias terras da Rússia para investimento estrangeiro, colocando-se favorável à discussão de novas propostas para a reestruturação do sistema financeiro internacional posterior ao fim da Primeira Guerra e mostrou disposição de abrir concessões para mineração e exploração de petróleo na Sibéria e no Mar Cáspio. Estas ideias reverberavam as posições de Lenin de 1915<sup>65</sup> e 1916<sup>66</sup> a respeito do socialismo em um só país e a grande contraofensiva dos países capitalistas, que exigiam políticas de coexistência pacífica entre países de regimes diferentes.

Em março de 1921, o governo soviético iniciou o período da NEP, buscando reativar a economia e enfrentar as várias crises de abastecimento que ameaçavam a estabilidade do país. Em 1922, a fome batia a porta da Rússia, com a indústria em completo desarranjo, crise na agricultura e severas limitações fiscais para o Governo.<sup>67</sup>

---

<sup>64</sup> (BAGIROV, 1996).

<sup>65</sup> (LENIN, 1966).

<sup>66</sup> (LENIN, 1964).

<sup>67</sup> (FISCHER, 2016, p. 125).

O boicote dos EUA e a pressão das petroleiras europeias querendo o ressarcimento das estatizações feitas durante a revolução inviabilizaram as propostas de coexistência pacífica dos soviéticos, transformando a Conferência de Gênova em um resultado inócuo.

As empresas de petróleo<sup>68</sup> criaram um cartel – *Groupement International des Sociétés Naphtières en Russie* – para, conjuntamente, enfrentarem o governo soviético, impedindo acordos individuais que afastassem os outros, defendendo claramente uma política de boicote e bloqueio. A *Royal Dutch-Shell* participava, a contragosto, deste cartel e exultou quando ele se desfez, um ano depois em 1923, liberando as possibilidades de seus acordos individuais com o governo de Moscou.

Em meados da década de 1920 o petróleo soviético, produzido pela *Naphta Syndicate*, criada pelo governo bolchevique, competia fortemente com a *Anglo Persian Oil* no mercado italiano.<sup>69</sup> A própria *Royal Dutch Oil* depois de frustradas suas tentativas de acordos bilaterais, montou um outro grupo – *British Creditors of Rússia* – que passou também a adotar políticas de bloqueio, sob a liderança de Urquhart que, com o apoio da Shell, tornou-se feroz adversário do regime.

O ano de 1924 assistiu, com o intervalo de 12 dias, as mortes de Vladimir Ilyich Ulyanov (Lenin) (21/01/1924), líder da revolução bolchevique e principal dirigente soviético e de Woodrow Wilson (02/02/1924), vigésimo oitavo presidente dos EUA. Dois líderes políticos dos dois países maiores produtores de petróleo à época. As possibilidades de abertura de novas relações diplomáticas entre os dois regimes se ampliavam, mesmo sem a resolução das questões relativas as indenizações das nacionalizações realizadas durante o chamado “comunismo de guerra”, agora substituído pela NEP. A URSS nacionalizou o comércio exterior sob a direção de Leonid Krassin e adotou várias políticas de atração de capital estrangeiro para a indústria de petróleo. Os franceses obtiveram concessões em Emba, foi formada uma associação da *Neftesindikat*, de Moscou, com a *Arcos* da Inglaterra para vender petróleo soviético para Turquia, juntamente com uma outra associação da empresa russa com a *Standard Oil* para exportar petróleo para o Egito e Turquia.<sup>70</sup>

No Cáucaso, os campos foram parcialmente eletrificados – “americanizados” como se dizia na época, – passaram a utilizar sondas rotatórias e unidades de craqueamento e destilação avançada passaram a ser utilizadas nas refinarias, provenientes dos EUA. *Shell* e *Standard* passaram a combinar suas

<sup>68</sup> Empresas dos EUA, Inglaterra, França, Bélgica, Holanda e da própria Rússia, segundo (FISCHER, 2016 (1927), p. 96).

<sup>69</sup> Todo o petróleo consumido em 1925 na Itália veio do Cáucaso. (FISCHER, 2016, p. 113).

<sup>70</sup> (BOGOMOLOVA, 2004b).

atividades na Rússia<sup>71</sup>. Em meados dos anos 1920 os EUA estavam importando petróleo<sup>72</sup> e a *Standard Oil* expandia suas atividades no norte da Pérsia, Mosul, Palestina além de ter obtido concessões na África e nas Índias Ocidentais.<sup>73</sup> A antiga postura ideológica contra os soviéticos foi flexibilizada, para permitir acesso a novas fontes produtoras, especialmente pela escassez de petróleo na Europa. A *Shell* troca de papel e passa a ser contrária a qualquer acordo dos americanos com a URSS. Em 1926, depois de oito anos de ausência de contratos entre empresas americanas e soviéticas, o primeiro contrato com empresas dos EUA foi assinado para a compra de petróleo e querosene provenientes do Cáucaso.<sup>74</sup>

Em 1935, os EUA detinham 64% da produção mundial de petróleo e encontrava-se na URSS adicionais 12%, o México e a Venezuela contribuíam com outros 11% e o Irã com 2% da produção mundial, em parcela igual a Romênia e Índias Orientais, de uma produção mundial de 26,5 milhões de barris ano.<sup>75</sup> Os soviéticos controlavam a segunda mais importante região produtora do mundo antes da II Guerra Mundial.

#### 4. Conclusões

O Mar Cáspio foi palco de grandes batalhas na transição do século XIX para o XX, durante a I Guerra Mundial e depois da consolidação do poder soviético. As grandes empresas internacionais (*Royal Dutch-Shell e Standard Oil*) travaram ferozes disputas comerciais para controlar o mercado de querosene da Rússia, da Europa e da Ásia. Manobras, corrupção, golpes, associações com aventureiros, compra de oficiais dos governos marcaram a consolidação das empresas e o controle do setor. Os governos czarista, soviético, germânico, turcos, britânicos, franceses e americanos, em diferentes momentos e com distintas intensidades, conflitaram suas forças, inclusive as armadas, na busca de controlar a região e seus meios de ligação entre o continente europeu, os mares interiores e os oceanos e o continente asiático.

O controle da logística é fundamental para garantir a hegemonia de países continentais, em relação às potências marítimas. Controlar as ferrovias e a rede de dutos de transporte era chave para assegurar o poderio das empresas que dominavam a produção. Para viabilizar a produção do Cáspio, um mar interior, era preciso chegar aos oceanos e aos mercados consumidores. Controlar as ferrovias e os dutos

---

<sup>71</sup> (FISCHER, 2016 (1927), p. 124).

<sup>72</sup> Em 1924 mais de 40% do petróleo produzido fora dos EUA pertencia a empresas americanas. (FISCHER, 2016(1927), p. 131).

<sup>73</sup> (FISCHER, 2016(1927), p. 128).

<sup>74</sup> (FISCHER, 2016(1927), p. 142).

<sup>75</sup> (CAMPBELL, 2005, p. 72).

era indispensável e para isto tudo valia: sabotagens, conspirações, corrupção, assassinatos, derrubadas de governos e guerras. Isto marcou a região nos anos finais do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

O petróleo do Mar Cáspio foi produzido sob distintos marcos regulatórios. De uma presença forte do governo czarista, passou por uma abertura completa e desregulamentação, com privatização das áreas produtoras e concentração da propriedade dos meios de transporte e armazenamento. A concentração em torno da *Royal Dutch-Shell*, em clara disputa com a *Standard Oil* se estendeu até depois da Revolução de 1917. O estado retomou o poder sobre o setor, nacionalizando as empresas sem indenizações o que, juntamente com o bloqueio ideológico, unificou os interesses estrangeiros que consolidam um bloqueio ao regime soviético, pelo menos, até 1922.

A NEP, adotada pelos soviéticos, assim como os interesses americanos e ingleses de disputar o acesso a novas áreas produtoras flexibilizaram as tensões entre os dois regimes e a indústria petrolífera ressurgiu no Mar Cáspio, tornando-se importante fonte geradora de divisas para o governo revolucionário.

A história do desenvolvimento da exploração e produção do petróleo na região é um exemplo, muito comum na história do setor pelo mundo, de que a disputa pelo acesso e distribuição do petróleo envolve fortes interesses econômicos dos grupos produtores e dos grupos financeiros que os financiam. No entanto, evidencia como o petróleo envolve interesses geopolíticos dos governos que o consideram uma mercadoria estratégica e que buscam, inclusive com o uso de armas e tropas, garantir que ele não faltará em momentos críticos.

Geopolítica, acordos e disputas de grandes empresas, negociações, pressões diplomáticas e guerras, tanto no passado, como no presente, marcam a história da exploração e produção pelo mundo. Pensar que o petróleo é uma mercadoria qualquer, sujeita apenas as leis do mercado, é uma ilusão daqueles que querem esconder como os Estados disputam o acesso aos reservatórios ainda disponíveis. No passado, como no presente!

## 5. Referências bibliográficas

ASCHER, A. **The revolution of 1905: a short history.** Stanford University Press, 2004. ISBN 9780804747196.

BAGIROV, S. Azerbaijani oil: glimpses of a long history. **Perceptions**, vol. 1, n. 2, jun./aug. 1996.

BOGOMOLOVA, N. Every Ninth Gallon. **Oil of Russia**, v. 2, 2004a. Disponível em: <http://www.oilru.com/or/16/203/>.

\_\_\_\_\_. The First Exercise Of Oil Business Transparency. **Oil of Russia**, v. 1, 2004b. Disponível em: <http://www.oilru.com/or/15/177/>.

CAMPBELL, C. J. **Oil Crisis**. Brentwood, Essex, UK: Multi-Science Publishing Co, 2005. 397.

CHOSSUDOVSKY, E. Genoa Revisited: Russia and Coexistence. **Foreign Affairs**, v. 50, n. 3: 554-577, 1972.

DE WAAL, T. A Broken Region: The Persistent Failure of Integration Projects in the South Caucasus. **Europe-Asia Studies**, v. 64, n. 9: 1709-1723, 2012. Disponível em: < <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09668136.2012.718416> >. DOI:

FISCHER, L. **Oil imperialism: the international struggle for petroleum**. New York: George Allen&Unwin Ltd, 2016(1927). ISBN 978-1-138-65573-7.

HEWINS, R. **A biografia de Calouste Gulbenkian: o senhor cinco por cento**. Afragide, Portugal: Texto, 2009 (1957). 360 ISBN 978-972-47-3847-0.

HEYMANN, H. Jr. Oil in soviet-western relations in the interwar years. **The American Slavic and East European Review**, v. 7, n. 4: 303-316, 1948. Disponível em: < [http://www.jstor.org/stable/2491887?read-now=1&loggedin=true&seq=2#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/2491887?read-now=1&loggedin=true&seq=2#page_scan_tab_contents) >. DOI:

JOHNSON, M. L. From the big bang to Baku: a primer on the beginnings of the petroleum end times. **Southwest Review**, v. 95, n. 3: 426-443, 2010. Disponível em: < [http://www.jstor.org/stable/43473073?read-now=1&loggedin=true&seq=9#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/43473073?read-now=1&loggedin=true&seq=9#page_scan_tab_contents) >. DOI:

LENIN, V. I. The military programme of the proletarian revolution. In: (Ed.) **Lenin's Collected Works**. Progress, 1964 (1916). 77-87 f. Disponível em: < <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1916/miliprog/index.htm> >. Cap.

\_\_\_\_\_. **On the slogan for a United States of Europe**. Progress, 1966 (1915).

LEVINE, S. **O petróleo e a glória: a corrida pelo império e a fortuna do Mar Cáspio**. São Paulo: Landscape, 2007. 432 ISBN 978-85-7775-029-0.



MCKAY, J. P. Baku oil and transcaucasian pipelines, 1883-1891: a study in tsarist economic policy. *Slavic Review*, v. 43, n. 4: 604-623, 1984. Disponível em: <<http://intersci.ss.uci.edu/wiki/eBooks/Articles/Baku%20Oil%201893-1891%20McKay.pdf>>. DOI:

O'HARA, S. Great game our grubby game? The struggle for control of the Caspian. *Geopolitics*, v. 9, n. 1: 138-160, 2004. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14650040412331307862>> DOI:

RODRIGUES ALVES, E. G. Uma leitura crítica sobre o desenvolvimento econômico: abordagens conceituais de Alexander Gerschenkron e a concepção centro periferia. *Eixo*, v. 5, n. 2: 38-45, 2016. Disponível em: <<http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/RevistaEixo/article/view/309>>. DOI:

ŠROM, J. E. Leonid Krassin. *The Slavonic Review*, v. 5, n. 14: 439-441, 1926. Disponível em: <[http://www.jstor.org/stable/4202090?read-now=1&loggedin=true&seq=3#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/4202090?read-now=1&loggedin=true&seq=3#page_scan_tab_contents)>. DOI:

YERGIN, D. *The prize: the epic quest for oil, money, and power*. New York: Free Press, 2009. 908 f.